

DEVIR-MULHER, DEVIR-MUNDO

BECOMING-WOMEN, BECOMING-WORLD

Antonio Cangiano

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i2.33>

Recebido em: 17.10.2023

Aceito em: 18.12.2023

Resumo: O problema principal nesse artigo fundamenta-se no conceito devir-imperceptível de Deleuze e Guattari (D&G). Devir-imperceptível, que não é percebido pela consciência imediata e sim por intensidades moleculares percebidas pelos corpos que movimentam diferenças (devires) sem que nos demos conta, ou nos damos conta quando registrados na consciência individual ou coletiva em outro plano molar, ou seja, ocorre no plano organizado do desejo. O devir-mulher-imperceptível é o objeto desse artigo. Esse é o devir que afeta homens e mulheres e crianças, e, e, e assim por diante, e conseqüentemente afeta o mundo, modificando-o, afetando de múltiplas formas o devir-mundo. O devir-mulher é minoritário inserido em uma maioria patriarcal global, no entanto modifica o mundo em devires de potências capazes de reorganizar o plano molar dominante. Compõe-se de múltiplas forças laterais de mulheres, que afetam o devir-mundo degradando forças patriarcais e fundando novas políticas, regras e direitos femininos para um mundo melhor. O devir-mulher-imperceptível do mundo tem tornado o mundo diferente, menos violento, com mais solidariedade, diálogo e mais pleno de afetos alegres que vibram no plano molecular e acontecem no plano molar.

Palavras-chave: devir; imperceptível; molecular; molar; percepção; vibração; longitude; latitude; maiorias; minorias; rizoma.

Abstract: The main question of this article is based on the concept of becoming-imperceptible by Deleuze and Guattari (D&G). Becoming-imperceptible, which means not perceived by immediate consciousness but rather by molecular intensities perceived by bodies that move differences (becomings) without being realized by us, or we realized when registered in individual or collective consciousness on another molar plane, that is, occurs on the organized plane of desire. The imperceptible-becoming-woman is the object of this article. This is the becoming that affects men and women and children, and, and, and so on, and consequently affects the world, modifying it, affecting the becoming-world in multiple ways. The becoming-woman is a minority inserted in a global patriarchal majority; however, it modifies the world into becomings of powers capable of reorganizing the dominant molar plane. It is made up of multiple lateral forces of women, which affect the becoming-world, degrading patriarchal forces and founding new policies, rules and female rights for a better world. The imperceptible becoming-woman-of-the-world has made the world different, less violent, more supportive, more dialogue and fuller of joyful affections that vibrate on the molecular plane and happen further on the molar plane.

Keywords: becoming; imperceptible; molecular; molar; perception; vibration; woman; minorities; majorities; world.



Introdução

“Longe se vai Sonhando demais. Mas onde se chega assim. Vou descobrir o que me faz sentir. Eu, caçador de mim”. (Trecho da música “Caçador de Mim” interpretada por Milton Nascimento, letra Sergio Magrão).

Não é fácil em nosso mundo atual expor conceitos que não estejam no plano molar¹ de nossas vidas. Esse artigo pretende trazer ao pensamento outro plano, o molecular, aquele que move os desejos. As redes sociais prendem nossa atenção com um besteirol de reconhecimentos supérfluas feitas por imagens, frases, falas e vídeos como, por exemplo, nos *TikToks*, *Facebooks*, *Zaps* etc., forças agregadas pelo falso empoderamento que temos quando interagimos e damos *likes* ou *dislikes* que motivam nossa libido, nossa imaginação e agimos digitalmente sem, no entanto, atualizarmos conhecimentos adequados em nossa existência, o que incrementa o besteirol que expulsa o pensamento racional de nossa natureza para a vida.

Quer queiramos ou não as redes prendem nossa atenção, inclusive são fundamento de modelos de negócios do capitalismo de vigilância², sem nos darmos conta dos afetos que estão em jogo, nem das consequências que nos impedem de pensar adequadamente, conforme Espinoza (1677) nos faz conhecer em sua obra intitulada “Ética”.

Para pensarmos adequadamente é necessário estar na espreita dos acontecimentos molares que motivem encontros com o nosso interior, rompendo o torpor do pensamento molar cotidiano, para que possamos vibrar pensando com a filosofia, a arte e a ciência. Romper com o caos cotidiano do convívio estriado, normatizado por regras cristalizadas, organizadas, neurotizadas e irracionais em nossos corpos, desde crianças.

Para este artigo revisitamos Deleuze e Guattari em sua obra *Mil Platôs* – vol. 4, objetivamente com forte referência no capítulo 10 intitulado “1730 – Devir-intenso, Devir-animal, devir-imperceptível”³. Com inspiração na filosofia política dos autores, eles trabalham o devir-mulher e o devir-criança em devires-imperceptíveis, fortemente fundados no devir-mulher, que de modos múltiplos de infinitas forças estão presentes no devir mundo, ou seja, o mundo em movimento em relação aos conflitos perceptíveis e imperceptíveis que acontecem interativamente nos planos molar e molecular.⁴

O conceito de devir-imperceptível tem uma jornada na filosofia que se inicia pelos Epicuristas no conceito de movimento, passam por Espinoza no conceito de afetos, Henri

1 Molar: Deleuze usa esse termo no plano estético e político, tendo como fonte a química. No senso estrito, “molar” é o agregado da matéria sem considerar as propriedades atômicas ou de movimento. Molar é compreendido como pertencer à massa, território, contingência, substância telúrica. Na sociedade molar é o plano organizado do desejo, registrado nos corpos pela moral, pela religião e pelo Estado capitalista. A organização e controle dos desejos conforme axiomas e axiomática capitalista, respectivamente, que capturam os desejos em máquinas de consumo, máquinas sociais e impõem a sujeição social e a submissão maquínica, ou seja, organização molar (Deleuze, Guattari, 2011, p. 373).

2 ZUBOFF, S. A Era do Capitalismo de Vigilância. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

3 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs* – vol. 4. Capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 11-120.

4 Molecular: oposto ao molar. Conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari, (2011, p. 373) que provém desde Lucrécio. Não se pode ver as moléculas e Deleuze e Guattari utilizam esse conceito para os movimentos vibratórios, fluxos intensos de subjetividades. Movimento intenso do corpo sem órgãos, molecular, não organizado, que transforma o comportamento de indivíduos. Sensibilidade para tocar o animismo químico de todos os entes, vivos ou inertes, “como ação do fogo, da água, ou dos ventos na Terra. Força da natureza em nós, que sentimos e percebemos intuitivamente em nossa heciedade (singularidade).

Bergson⁵ em “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, Nietzsche no conceito de “Eterno Retorno”, Deleuze com imagem e movimento e Guattari com as máquinas desejantes. Este artigo fundado nessas filosofias tem o risco de não se fazer suficiente para uma completa visão do devir-imperceptível que é fundado nos afetos que movimentam o devir-mulher e afetam o devir-mundo.

Para facilitar a apropriação desse pensamento, o foco será quase que inteiramente na obra “Mil Platôs – vol. 4” (Deleuze, Guattari, 2012), com algumas referências em Silvia Federici e Hannah Arendt com os conceitos de “Bruxa” (Federici, 2019) e “Amor Mundi” (Arendt, 2014 *apud* Maia, Reinaldo, 2019)⁶ respectivamente. Para melhor compreender o exposto é importante a leitura das notas de rodapé das páginas (recomendamos pesquisas autônomas sobre as palavras usadas, por conterem conceitos importantes) em que, sinteticamente, é apresentado o conceito expresso nessas palavras, no presente contexto.

O devir-imperceptível⁷ escapa de representações da linguagem e da percepção molar, porém ocorrem na vida, no plano de imanência, no plano molecular imperceptível e quando são percebidos (organizados pelo pensamento) estão já no plano molar consciente, ou seja, representados de preferência com conceitos, perceptos ou funções cientificamente (empiricamente) comprovadas e passíveis de serem expressos em linguagem, em políticas, em direitos, imprescindíveis para também acontecerem e se atualizarem no direito, impactando o devir-mundo perceptível molar.

Em movimentos ininterruptos do devir-imperceptível em que se elaboram coletivamente processos de afetos mútuos moleculares com desdobramentos molares em trocas coletivas que ocorrem em nossas existências. Esse movimento que se processa entre o molar e o molecular é contínuo com vetores de devires-imperceptíveis que tentaremos mostrar neste trabalho.

Temos o hábito de pensar no espaço, na imobilidade na qual as coisas nos parecem estar, sem perceber o movimento inerente-contínuo a todas as coisas, inertes ou vivas da natureza, sempre em movimentos, os quais não percebemos ou mal percebemos, ou nos remetem a insignificantes percepções das multiplicidades laterais e corporais que vibram em partículas com infinitos movimentos, em infinitas diferenciações, o puro devir imperceptível.

Este artigo tem 6 sessões sendo a primeira sessão a exposição dos conceitos de devir, plano de imanência (molecular), plano de transcendência ou de organização (molar), o processo de conflito e a composição dos planos. A sessão 2 expõe o conceito molecular de partículas, movimento, vibrações que nos afetam com movimentos e repousos, velocidades e lentidões e o movimento do corpo sem órgãos. A sessão 3 traz uma percepção da luta das mulheres, o campo de resistência e a resiliência feminina, o corpo da menina, o corpo da mulher. A sessão 4 mostra

5 BERGSON, H. Ensaio sobre os dados imediatos da consciência. Tradução Maria Adriana Camargo Capello. São Paulo: Edipro, 2020.

6 MAIA, A. G. B.; REINALDO, F. J. O. Amor Mundi: Uma resposta radical a uma desesperança política radical. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 10, n. 3, p. 59-72, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49132/28693>. Acesso em: 10 set. 2023.

7 Devir: *devenir* (em francês), conceito Deleuziano (Deleuze, Guattari, 2012) que ocorre ininterruptamente entre forças atuais imanentes e rizomáticas, que impulsionam vetores (resultantes) que nunca se configuram porque estão em infinito movimento. Resultados parciais de devires, configuram-se em acontecimentos atuais, que tomam formas molares, com consequências de agenciamentos que podem mudar o curso da imanência e de outros novos devires. Em contraste com a filosofia tradicional arborescente (raiz, tronco, galhos e folhas hierarquicamente organizados) descartiano, o rizoma: redes de linhas e radículas de forças ativas na natureza de todas as coisas no infinito Cosmos.

a pesquisa contextual da mulher atual, em confronto com o neoliberalismo, as afecções negativas e a resistência, com referência às obras de Silvia Federici, “Mulheres e Caça às Bruxas. Da idade média aos dias atuais”⁸ e “Calibá e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva”⁹ e a relação com o *amor mundi* (Arendt, 2014 *apud* Maia, Reinaldo, 2019). A sessão 5 apresenta os conceitos de devir-mulher, de longitude coletiva da mulher no mundo, submissa às lateralidades patriarcais molares e o devir-mundo feminino em heterogênese¹⁰, em processo corrente no mundo molar patriarcal majoritário e, finalizando, as últimas considerações para o pensamento inovador do devir-mundo feminino.

Devir: conceito de Devir - Plano de imanência – plano de transcendência ou de organização

O conceito devir não é trivial na obra de D&G e na leitura do capítulo 10, da obra *Mil Platôs – vol. 4* (Deleuze Guattari, 2012), os filósofos franceses colocam referências de arte, música, filmes, livros e citações de outros autores para conceituar algo de difícil representação na linguagem. Devir (*Devenir* em francês, *Becoming* em inglês) não é conceito transcendental, não está cristalizado em uma definição facilmente lida em um dicionário, não é estrutural, é rizomático.

Devir está posicionado em todo cosmos conhecido, movimento entre coisas, forças entre coisas, entre entes, entre conceitos. Pura produção da diferença em composição com a repetição, sempre diferente. Nosso pensamento, nossa imaginação nos motivam a pensar na imobilidade, pensamento no estado de torpor, contrário a tudo que se move à nossa volta, facilmente percebido em movimento. A exemplo, cada dia que nasce, cada estação do ano, cada época de frutas. O pensamento habitual se processa pela cognição e reconhecimento imóvel das semelhanças nos planos molares da imaginação, organizados, inscritos nas regras sociais, no direito, na política, na economia, nos universais e não pelas diferenças concretas nos planos moleculares, das partículas quânticas vibrando em nossos corpos, as vibrações interiores que têm movimento e repouso, velocidade e lentidão, que percebemos intuitivamente, em fluxos intensos de desejos, ansiedades, alegrias, tristezas e depressões.

Se observarmos à nossa volta tudo devém (se torna diferente em processo contínuo, uma ontologia do movimento), o que é agora é diferente do que era e não será semelhante depois. O que é já não é mais, tudo em movimento imperceptível ou percebível no plano de imanência. Tudo se torna diferente, uma pedra que rola no rio ou exposta aos ventos e erosões, nós percebemos o movimento do tempo (ou de nossa duração) quando olhamos no espelho ou quando percebemos que temos que cortar as unhas sem perceber enquanto crescem ou os

8 FEDERICI, S. Mulheres e caça às bruxas. Da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed., v. 1. São Paulo: Boitempo, 2019.

9 FEDERICI, S. Calibá e a bruxa: Mulheres corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

10 Heterogênese: o que está fora do pensamento, ou seja, produção infinita de acontecimentos externos aos corpos necessários ao ato de pensar. A heterogênese se processa no plano molecular, portanto não está fora nem dentro dos corpos (corpos vivos ou inertes – entes) possuem intensidades, vibrações, que podem produzir o novo. Têm a característica de infinitas diferenças que podem produzir acontecimentos, sempre externos, que dadas as diferenças podem resultar em conhecimentos de outros diferentes, pensar outros pelas diferenças, um novo outro. Se processa no campo das multiplicidades do outro, de outra realidade diferencial. Se processa no CAOSMOS. GUATTARI, F. CAOSMOSE. Um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed., v. 1. São Paulo: Editora 34, 2019.

cabelos que caem até ficarmos carecas. Observamos os movimentos das estações climáticas, o nascer e o pôr do sol, o desabrochar de uma flor ou o nascimento de uma ninhada próxima.

Deleuze usa o conceito do “eterno retorno”, de Nietzsche, para demonstrar o eterno retorno da diferença imanente na constituição de acontecimentos diferentes que agenciam o novo em nossas vidas, entre as forças dos acontecimentos externos a nós em que operam os devires entre as forças, que se associam, se conflitam, se unem ou se dividem em rizomas infinitos.

Os devires imperceptíveis atuam com resultados em uma heterogênesse que produz o novo. O novo é manifesto no plano molar quando conseguimos ou com a consciência, ou com a razão ou finalmente com a intuição tornar conscientes os acontecimentos e agenciamentos novos que estarão dados nas diferenças atualizadas, adicionando, sobrepondo, atuando em rizomas, novos rizomas em processos com devires moleculares que não cessam de produzir os diferentes.

Quando conscientizamos o acontecimento no pensamento o imobilizamos, o imaginamos, o representamos com a linguagem no plano molar, organizado em relação à sociedade, ao mundo. O acontecimento no plano molar pode se diferenciar em sentimentos de melancolia, ressentimentos, em linhas de fuga ou em reações alegres, motivantes, em rearranjos de vida.

A ética em Deleuze se fundamenta em uma “contra efetuação dos acontecimentos”, pelo pensamento ativo e não reativo que imobiliza o devir e cristaliza a vida no passado marcado pelos acontecimentos externos ao corpo e, portanto, sem lugar para sentimentos imóveis.

O devir é processo no plano de imanência e não para de processar. Quando o conhecemos, ou seja, quando “cai a ficha” constatamos os novos acontecimentos no plano molar, organizado do desejo, expresso em novos conteúdos do pensamento.

Todavia, esse processo é contínuo, existe um ciclo infinito de trocas entre o molar e o molecular que reforça, subtrai, sobrepõe, divide, adiciona, multiplica, cria novos devires como uma mágica; a realidade produzida é imanente e em movimento. “O devir – Três aspectos da feitiçaria: as multiplicidades; o Anômalo e o Outsider; as transformações” (Deleuze, Guattari, 2012, p. 11).

Percebemos essas transformações e traduzimos na linguagem corriqueira: “como não ví isso antes?”, “só agora entendi”, “por que só agora?” “Não penso mais assim”, “para mim tudo isso que passou é bobagem” etc. Sem saber ou sem conhecer o que ocorreu ou tudo o que aconteceu ou em qual relação ou múltiplas forças que ocorrem para uma transformação em nós.

Como mudou nossa potência de pensar? Como aconteceu isso em nós? Sem que percebêssemos? A cada momento o movimento ocorre, sem sabermos como tudo isso irá nos mudar, está nos mudando. Isso acontece pela produção de devires agora, atualmente, continuamente, devenhamos diferente.

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. [...] Devir não é progredir, nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado, como em Jung ou Bachelard. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 18).

Não existe simbolismo, estrutura, associação, relação do devir. O devir-molecular emite partículas que vibram em nós no plano da imanência, imperceptíveis, no plano profundo de nossas existências que nos faz mudar, sem perceber em sua totalidade se existem causas de

mudanças.

O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que devém. [...] É o princípio de uma realidade própria ao devir (a ideia bergsoniana de uma coexistência de “durações” muito diferentes, superiores ou inferiores à “nossa”, e todas comunicantes). Enfim, devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível. [...] O devir é involutivo, a involução é criadora. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 19).

No sentido molar o devir é involutivo, mas a involução é criadora porque se processa em devires subterrâneos, moleculares, do plano organizado molar dos desejos, atualmente dominados pelo capitalismo, em seu movimento de neurotização desde criança, quando a família impõe papéis sociais e prepara a criança para a submissão social e do trabalho: “você não vai ser músico, vai ser médico”. Contraditoriamente o devir age no molecular, processa-se no campo molecular, insubmisso aos poderes castradores das restrições impostas aos desejos naturais. O devir produz, em seus processos, acontecimentos contra forças molares nas famílias, nas escolas, nos trabalhos, nas instituições e no Estado impondo regras, normas, direitos e deveres, nem sempre no curso da natureza molecular imperceptível dos indivíduos e coletivos.

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica, Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler” nem “produzir”. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 20).

Devir-mulher, devir-mundo, outro mundo-feminino, diferente do mundo-patriarcal, esse é o conceito que queremos analisar, o devir processa os fundamentos do devir-mulher, devir-criança, que devém do mundo, aqui sem entrar nas multiplicidades de outros devires: devir-animal, devir-homem, devir-mundo, devir-entes sejam eles em suas hecceidades¹¹ quaisquer, suas mudanças, seus vetores de mudanças por partículas moleculares, devir-mundo-feminino, este é o argumento que queremos expor neste artigo.

...todos os devires já são moleculares. É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. [...] Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais “próximas” daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 67).

Cada um, ente ou indivíduo, é um acontecimento singular, movimento e lentidão de devires, que modulam cada hecceidade em sua própria duração¹², conformam a longitude

11 Hecceidade: Deleuze resgata o conceito de Duns Scotus (1300, p. 1265-1308), o caráter particular, individual, único de um ente, que o distingue de todos os outros; hecceidade, ipseidade. (Oxford Languages and Google, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hecceidade>. Acesso em: 9 out. 2023).

12 Duração: conceito desenvolvido por Henri Bergson. Relacionado ao tempo em movimento, não o tempo cronológico

do indivíduo (até onde a sua duração única, seu tempo existencial único produziu sua atual singularidade, hecceidade), ocorre no mundo, no plano da existência (da vida), sujeita às latitudes, forças laterais que são produzidas por outros devires, desejos que produzem o novo, o diferente, em uma produção do devir-mundo.

Sim, todos os devires são moleculares; o animal, a flor ou a pedra que devimos são coletividades moleculares, hecceidades, e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força de experiência, de ciência ou de hábito. Ora, se isso é verdade, é preciso dizê-lo das coisas humanas também: há um devir-mulher, um devir-criança, que não se parecem com a mulher ou com a criança, como entidades molares bem distintas (ainda: que a mulher ou a criança possam ter posições privilegiadas possíveis, mas somente possíveis, em função de tais devires). O que chamamos de entidade molar aqui, por exemplo, é a mulher enquanto tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, enquanto determinada por sua forma, provida de órgãos e de funções, e marcada como sujeito. Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 71).

Em contraponto, a longitude¹³ molar não se diferencia no plano molar organizado, que submete o desejo, que se finca na representação universal abstrata da linguagem, submissa à sociedade como ela é organizada, como se comunica em cognições e recognições do mesmo, ou seja, sob o domínio-mundo-patriarcal-capitalista. O devir-mundo-feminino é molecular, partículas que são emitidas por relações de proximidades, em devires imperceptíveis, sujeitos a velocidades e lentidões, movimentos e repouso do devir-mulher.

O imperceptível é no fim imanente do devir sua fórmula cósmica. Mas o que significa devir-imperceptível, ao fim de todos os devires moleculares que começavam pelo devir-mulher? Devir imperceptível quer dizer muitas coisas. Que relação entre o imperceptível (anorgânico), o indiscernível (assignificante) e o impessoal (assubjetivo)? Diríamos, primeiro: ser como todo mundo, [...]. Se é tão difícil ser “como” todo mundo, é porque há uma questão de devir. Não é todo mundo que devém como todo mundo, que faz todo mundo um devir. É preciso para isso muita ascese, sobriedade, involução criadora: uma elegância inglesa, um tecido inglês, confundir-se com as paredes, eliminar o percebido-demais, o excessivo-para-perceber. “Eliminar tudo que é dejetivo, morte e superfluidade”, queixa e ofensa, desejo não satisfeito, defesa ou arrazoado, tudo que enraíza alguém (todo mundo) em si mesmo, em sua molaridade. Pois todo mundo é o conjunto molar, mas devir todo mundo é outro caso, que põe em jogo o cosmo com seus componentes moleculares. Devir todo mundo é fazer mundo, fazer um mundo. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 76).

O devir-mulher atualiza-se com todas suas multiplicidades em latitudes múltiplas, ao adquirir direitos no plano molar tais como: direito ao sufrágio (voto), direito à licença maternidade, às conquistas do feminismo, a derrubada do tabu da virgindade, o rompimento do teto de vidro das diferenças salariais, a reivindicada equidade de gênero, a divisão do trabalho doméstico com

organizado em anos, meses, dias (Cronos) e sim o tempo singular, único do ente, mais relacionados aos conceitos Kairós e Aion, Gregos. Cada existência singular tem uma duração única. Duração, momentos de singularidades do “eu Profundo” quando não existe “cronos”. (Bergson, 2020).

13 Longitude: esse conceito remete à duração de uma hecceidade presente, o atual de um indivíduo. Desde o seu nascimento, a sua trajetória, até o presente, sujeito às forças laterais, forças de devires moleculares. Como se tirasse uma foto que apresente sua singularidade sem dispensar o rizoma de devires que atuam em seu corpo.

o patriarcado, em conquista da convivência igualitária de direitos entre homens e mulheres, enfim, uma heterogênesse de devires que se inscrevem no plano organizado da sociedade.

Verdadeiras conquistas, que não só inscrevem na política, no direito, na economia, mas em uma forma inovadora de pensar o mundo, sob a ótica da mulher, a involução criadora de romper dogmas e criar novas percepções moleculares influenciadoras de devires em processos infinitos do devir-mundo. A sessão seguinte, ainda conceitual, todavia importante, discorre sobre concretizar os conceitos que nos levam a conhecer os devires que pertencem ao problema em análise.

Partículas movimento – repouso, velocidade e lentidão – corpo sem órgãos, Latitude, longitude, Heccidade E Devir

Pensar na obra “O que é Filosofia”¹⁴, obra que nos expressa: O que é pensar? Pensar fora das opiniões e do besteirol caótico cotidiano, eles nos dizem que pensar é com a Filosofia, a Ciência e a Arte. Nesta sessão a ciência nos proporciona os conhecimentos físico-químicos e de cartografia, movimento, tempo, em seus termos, para que possamos conhecer a nós mesmos, constituídos por matéria e energia. Os conceitos aqui apresentados têm uma longa trajetória fora da filosofia tradicional, abstrata, fora do universalismo, fora a filosofia da representação, fora da dualidade de oposição dialética (bipolaridade), fora do conceito de livre-arbítrio, fora do produto da crítica da filosofia clássica, porém fazem parte da história da filosofia. Deleuze e Guattari têm linhas conceituais próprias que levam mais longe os conceitos de filósofos como: Lucrécio, Espinoza, Bergson, Nietzsche, Foucault, Hume e Leibniz, dentre outros, criando terminologias (palavras conceituais diferentes), proporcionando novos significados relacionados à literatura, à arte, à ciência e à filosofia. Todavia, seguindo os ensinamentos deleuzianos e guattarianos neste artigo, as referências escolhidas estão na obra “Mil Platôs – vol. 4” (Deleuze, Guattari, 2012), em ligação direta com o assunto tratado. Entendemos ser este o traçar adequado para o espaço que aqui dispomos para expressar esse conteúdo, que intuitivamente é facilmente compreensível, porém difícil de representar no plano molar da linguagem representativa.

Tudo no universo é composto por moléculas, átomos, partículas, energias: fótons de diversas frequências, o celular em nossas mãos recebe micro-ondas invisíveis, ondas eletromagnéticas que vibram em movimento no espaço e são traduzidas em sons, imagens, vídeos em movimento. Partículas *quantuns* nos atravessam em movimentos do espaço longínquo (talvez infinito até onde sabemos e conhecemos). A ciência utiliza radiações, a física quântica para medições cósmicas, a física tenta dominar as partículas quânticas, dominar as relações químicas moleculares com a nanotecnologia, sendo inegável que nossos corpos se movimentem em longitudes (duração) afetados por latitudes (devires), nesse universo em composição de afetos moleculares, de partículas que vibram em diversas velocidades e diversas lentidões em nossos corpos.

Devires possuem velocidades e lentidões diferentes, movimentos e repousos que afetam entes e são afetados por eles no mundo em que vivemos, a verdadeira natureza, naturada e naturante, “DEUS SIVE NATURA”, de Espinoza (1677), em sua obra “Ética”. Nossos corpos

14 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Que é Filosofia? Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

são da mesma matéria existente no universo. Vibramos em afetos modificados, em devires moleculares nas lentidões da angústia, na parada no tempo da melancolia, na velocidade da ansiedade, na lentidão da tristeza, na velocidade da alegria e do amor.

Todo o cosmos em movimento, em verdadeiro caosmos produtor de subjetividades (Guattari, 2012). As forças das relações devir-sexualidade, os afetos do devir-mulher, do devir-homem, em latitudes de forças que nos movem, individualmente e coletivamente.

Não basta tampouco dizer que cada sexo contém o outro, e deve desenvolver em si mesmo o polo oposto. Bissexualidade não é um conceito melhor que o da separação dos sexos. Miniaturizar, interiorizar a máquina binária, é tão deplorável quanto exasperá-la, não é assim que se sai disso. É preciso, portanto, conceber uma política feminina molecular, que se insinua nos afrontamentos molares e passa por baixo, ou através. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72).

No empirismo molar vemos a bipolaridade mulheres versus homens, os movimentos feministas fundarem-se em identidades de gênero contra o patriarcalismo, grupos identitários molares que não percebem, ou pouco percebem os afetos comuns, diferenciações que agregam devires que rompem fundamentos e movimentam forças que não estão nas semelhanças identitárias e sim nas composições de diferentes afetos. Novas vibrações que interagem entre o molecular e o molar produzindo novos acontecimentos, novos agenciamentos em nossa existência.

A família privada burguesa, neurotizada pelo capitalismo, que coloca a mulher nas tarefas de reprodução e manutenção da espécie e da força de trabalho, atualiza-se com sua luta em novos direitos na sociedade, em divisão do trabalho doméstico, em igualdade de oportunidades de trabalho. Antes havia trabalhos só de homens em postos de carreiras executivas, políticas, do judiciário. Hoje percebemos remunerações de mulheres iguais para funções iguais sendo inscritas nas leis, rompendo o teto de vidro (*glass roof*), da remuneração do patriarcado contra a das mulheres. É na literatura que D&G buscam exemplos para ilustrar o devir-mulher.

Quando se interroga Virginia Woolf sobre uma escrita propriamente feminina, ela se espanta com a ideia de escrever “Enquanto mulher”. É preciso antes que a escrita produza um devir-mulher, como átomos de feminilidade capazes de percorrer e de impregnar todo um campo social, e de contaminar os homens, de tomá-los num devir. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72).

A arte de escrever das mulheres destaca o devir-mulher impregnando nosso pensamento, nos fazendo vibrar em velocidades e lentidões com impactos no plano molar em que vivemos, e nos separam em gêneros, categorias e espécies, consequências do legado aristotélico.

Partículas muito suaves, mas também duras e obstinadas, irreduzíveis, indomáveis. A ascensão das mulheres na escrita romanesca inglesa não poupará homem algum, aqueles que passam por mais viris, os mais falocratas, Lawrence, Miller, não pararão de captar e de emitir por sua vez essas partículas que entram na vizinhança ou na zona de indiscernibilidade das mulheres. Eles devêm-mulher escrevendo. É que a questão não é, ou não é apenas, a do organismo, da história e do sujeito de enunciação que opõem o masculino e o feminino nas grandes máquinas duais. A questão é primeiro a do corpo o corpo que nos roubam para fabricar organismos oponíveis. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72).

Os devires produzem multiplicidades de vetores que podem ou não acontecer no plano molar. O plano da arte, da ciência e da filosofia proporcionam involuções criadoras, percepções

moleculares. O corpo sem órgãos tem a capacidade de extrapolar o corpo organizado, o plano molar capitalista.

3 Percepção da história adequada das mulheres – resistência, resiliência e revolução – corpo da mulher

As mulheres, desde a infância, são neurotizadas para cumprir o seu papel social de reprodução da espécie e a manutenção da força de trabalho. Seja em qualquer época da existência, vamos perceber a oposição molar desde o feudalismo, passando pelo Estado Despótico, até hoje, no Estado Nação que conhecemos. O corpo da mulher foi palco de violências do poder e de resistência, resiliência e revolução. Nessa jornada histórica o devir-mulher imperceptível tem proporcionado racionalidade ao mundo, tem se contraposto à violência, contra o fato do feminicídio que nos assombra, nos afeta individualmente e no plano social, que por sua vez tem sido combatido, mas a luta molar e as transformações molares possuem componentes moleculares imperceptíveis e percebíveis que provocam novos devires-mundo.

Nessa sessão vamos contextualizar esse conflito que marca o corpo da mulher, da mulher criança, da mulher adulta, desde as antigas e modernas bruxas, as imagens de mulheres rebeldes ou heroínas que marcam nossa consciência e estão cheias de conceitos molares e vibrações moleculares que demonstram devires permanentes e infinitos que as mulheres têm agregado e conjurado no devir-mundo.

A criação neurotizada da menina pelas famílias, escolas e instituições, desde cedo, impõem os papéis sociais, o seu rosto e o seu corpo na sujeição social, preparando-as para a família privada nos moldes capitalistas burgueses. A propriedade privada de seu corpo, organizado na família paterna, na família matrimonial, sujeita a pais, maridos, e vizinhas fofoqueiras. A mulher em seu devir-mulher cria suas próprias resistências, conquistando novas percepções, quebrando tabus, ganhando direitos. A virgindade matrimonial, como se fosse o presente intocado do patriarcalismo vencido, o direito ao aborto em países desenvolvidos, o direito ao divórcio e as alterações nas leis de adultério, dentre muitas outras resistências que se processam em interações moleculares e molares, em devires que movimentam o mundo, quer quem queira ou não. É no corpo da menina-mulher que se processa a batalha neurotizante e a resiliência molecular, que movimenta e muda o mundo entre devires, movimentos e repousos, interação entre acontecimentos e agenciamentos molares e vibrações moleculares.

A menina é a primeira vítima, mas ela deve também servir de exemplo e de cilada. É por isso que, inversamente, a reconstrução do corpo como Corpo sem Órgãos, o anorganismo do corpo é inseparável de um devir-mulher, ou da produção de uma mulher molecular. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72).

A violência molar inserida no corpo da menina faz dela o campo de batalha entre o molecular e o molar. A potência do corpo da menina tem que estar subjugado pelas forças da família privada. Um casamento arranjado, uma mulher objeto a ser trocada por dotes ou com os papéis sociais definidos externamente como “boa esposa”, “do lar”, sem perceberem o movimento molecular, suas vibrações, velocidades e lentidões as quais seu corpo luta e que tem que ser subjugado, organizado, molar.

Ora, é à menina, primeiro, que se rouba esse corpo: pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc. É à menina primeiro, que se rouba seu devir para impor-lhe uma história, ou uma pré-história. A vez do menino vem em seguida, mas é lhe mostrando o exemplo da menina, indicando-lhe a menina como objeto de seu desejo, que fabricamos para ele, por sua vez, um organismo oposto, uma história dominante. A menina é a primeira vítima, mas ela deve também servir de exemplo e de cilada. É por isso que, inversamente, a reconstrução do corpo como Corpo sem Órgãos (CsO), o anorganismo do corpo é inseparável de um devir mulher, ou da produção de uma mulher molecular. Sem dúvida a moça devém mulher, no sentido orgânico ou molar. Mas inversamente, o devir-mulher ou a mulher molecular são a própria moça. A moça certamente não se define por sua virgindade, mas por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade. Ela não para de correr em um corpo sem órgãos. Ela é linha abstrata ou linha de fuga. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 72-73).

A organização molar dos corpos femininos está inscrita, tatuada, registrada no corpo, cuja resistência está no conceito “Corpo sem Órgãos¹⁵”, que emite partículas anorgânicas, produzem devires, acontecimentos, agenciamentos entre múltiplas forças em rizomas de latitudes de devires-mulheres. Afetam o mundo com as vibrações do amor, do diálogo, da compreensão de mãe, do acolhimento e da força de seus desejos que rompem com o molar, mesmo com consequências de vida ou morte.

A força feminina não tem sua fonte no plano organizado da sociedade, se fosse assim não haveria movimentos de transformações. Onde está a força que provocam os acontecimentos conhecidos relacionados às mulheres? Não é do direito, não é da política ou da economia ou do Estado; nesses planos apenas são registrados os agenciamentos das novas consciências e as forças registradas no plano molar. Registros pontuais do movimento molecular de devir-mulher, que se processa infinitamente, ininterruptamente, a partir de velocidades e lentidões, movimentos e repouso do devir-mulher.

É certo que a política molecular passa pela moça e pela criança. Mas é certo também que as moças e as crianças não extraem suas forças do estatuto molar que as doma, nem do organismo e da subjetividade que recebem; elas extraem todas suas forças do devir molecular que elas fazem passar entre os sexos e as idades, devir-criança do adulto como da criança, devir-mulher do homem como mulher. A moça ou a criança não devém, é o próprio devir que é criança ou moça. A criança não devém adulto, assim como a moça não devém mulher; mas a moça é o devir-mulher de cada sexo, como a criança é o devir-jovem de cada idade. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 73).

Deleuze e Guattari expressam em sua obra as forças dos desejos que produzem o real, mesmo com os desejos codificados em toda a sociedade pelo plano organizado do capitalismo. A mulher é, e sempre tem sido, o campo de batalha em que se opera a propriedade privada, o roubo de seu corpo por forças dominantes, a venda de mercadorias intermediadas, alavancadas por seu corpo seminu. Sem moralismos que não existem atualmente, de tanta exposição e vendas, o

15 Corpo sem órgãos: é uma frase de Antonin Artaud, utilizada por Deleuze (1974) no livro a “Lógica dos Sentidos” e refinado por Guattari: conceito de corpo identificado no plano molar, (de consistência), porém como um substrato não formado, não organizado, não estratificado, ou seja, um corpo no plano molecular que não está organizado no plano molar. Um corpo esquivo, diferente, que não se sujeita ao plano organizado dos desejos. Corpo que cria, que se movimenta no plano não estriado dos desejos molares. Não confundir com a patologia Esquizofrenia, o esquivo nega a irracionalidade que encontra no campo da existência molar (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011).

corpo molar da mulher é o corpo que se deve marcar, inscrever, deve ser marcado com o medo, com a violência, com a exploração e com as restrições patriarcais.

[III. 1.3. O Problema do sócio: codificar os fluxos. Não trocar, mas marcar, ser marcado]. Meyer Fortes faz circunstancialmente uma observação divertida e cheia de sentido: “O problema não é o da circulação de mulheres... Uma mulher circula por si mesma. Não se dispõe dela, mas os direitos jurídicos sobre a progenitura estão fixados em proveito de uma determinada pessoa.” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 188).

Predominam as forças dominantes de uma sociedade machista, dominada pelo padrão: homem branco, heterossexual, proprietário, organizada na ameaça do conflito armado, na competição, na guerra nuclear, na extração violenta da natureza, na burocracia cristalizada, devires-mulheres-homens envoltos em medos de perdas, por exemplo: da casa planetária com os efeitos da intervenção patriarcal capitalista na Terra.

A mulher no mundo duro do capitalismo neoliberal

O mundo está preso na concepção mulher molar, a mulher mãe, do lar, o rosto da mãe compreensível, de amor pleno, que cuida da casa, dos filhos e filhas e que os educa na sociedade, mãe que perde a sua sexualidade, sua presença erótica, dionisíaca, criativa, porém ainda resistente, que percebemos nas mulheres vivas que não perderam, não tiveram as suas vibrações em velocidades e lentidões distintas apagadas, submetidas. Pelo contrário, estão em sincronia com o devir-mulher.

Não tínhamos detalhes de como haviam sido acusadas de bruxas as parteiras, as que organizavam protestos contra o preço dos grãos, as que conheciam a cura pelas ervas, as que não aceitavam a escravização ou o intenso processo de pauperização, as que continuavam a exercer sua sexualidade como bem entendessem. Milhares de mulheres, centenas de milhares, foram torturadas, presas ou queimadas em praça pública. (Federici, 2019, p. 10).

Conhecemos a história da acumulação capitalista, sempre violenta, desde o mercantilismo, o comércio das índias, a dominação do novo mundo, o tráfico de escravos entre continentes, mas esse conhecimento das mulheres bruxas nunca foi analisado pela perspectiva da mulher, seja no plano molar ou molecular. Silvia Federici, em suas obras sobre as bruxas, expõe outra visão, a violência sobre corpos de mulheres queimados nas praças públicas pela rebeldia de não aceitarem os cercamentos, não aceitarem serem servas domésticas e sexuais dos senhores. O corpo da mulher contra a propriedade privada da Terra, antes bem comum, nos lugares em que colhiam a lenha para cozinhar e aquecer os lares dos trabalhadores explorados, pobres indivíduos que não podiam se rebelar, ao custo de perder a única forma de sobrevivência sob o tacão da burguesia em formação, restando às mulheres o último refúgio da resistência e da sobrevivência.

A caça às bruxas – assim como o tráfico transatlântico, a escravização negra, o extermínio de povos indígenas e a colonização das américas – foi essencial à acumulação primitiva do capital. Marx não deu atenção a esse detalhe. E Silvia, mais que preencher uma lacuna, se soma às pensadoras dedicadas a escrever a história das mulheres. Uma história omitida, apagada, silenciada. (Federici, 2019, p. 10, 11).

No Brasil também existe a caça às bruxas, Silva¹⁶, em sua dissertação de mestrado “O Sabá do Sertão: Feiticeiras, Demônios e Jesuítas no Piauí Colonial (1750-58)” mostra no Brasil colonial a caça às bruxas. Segue um trecho de seu trabalho.

A práticas mágicas na colônia cumpriam sua função social através dos conflitos entre vizinhos, do surgimento de doenças sem explicação, das intempéries da natureza, da escravidão, da saudade dos parentes, da miséria e das angústias e incertezas das camadas populares. A inquisição portuguesa e o esforço catequético esforçaram-se para enquadrar as populações coloniais e europeias na ortodoxia cristã. A figura do demônio foi destacada no seio das práticas mágicas e no folclore popular. O olhar erudito julgava grande parte das crenças populares como incompreensíveis e interpretava, segundo seus esquemas mentais certas manifestações, que foram isoladas e demonizadas. (Silva, 2013, p. 112).

As mulheres resistentes não foram dobradas pela fogueira, mas sim morreram em praça pública e, ainda no plano molar, serviram de exemplos para as “mulheres do lar” que tiveram que se submeter à família privada, submissa aos homens assalariados e dependentes economicamente deles, fato que persiste em grande escala até hoje, mas em contraponto ao devir-mulher que contagia e rompe com a organização molar de sua vida e de seu corpo, inscrevendo novos direitos e nova organização molar na sociedade.

Neste livro Silvia mostra como o atual processo de cercamento e privatização de terras cria o ambiente e as motivações sociais para que mulheres engajadas na preservação dos comuns sejam acusadas, em todo o mundo, de bruxaria. Além disso, discute a relação entre a caça às bruxas e o cercamento dos corpos das mulheres por meio do controle de nossa sexualidade e nossa autonomia reprodutiva. (Federici, 2019, p. 16).

Por aqui no Brasil estamos ainda com a pergunta que não quer calar “quem mandou matar Mariele?”, vereadora, defensora dos direitos humanos, mãe de Luyara, companheira de Mônica, filha de Antônio e Marinete, irmã de Anielle Franco, hoje Ministra da Igualdade Racial do Brasil (Federici, 2019).

Constatamos o aumento do feminicídio e o avanço da lei Maria da Penha, registrada e premiada no plano molar internacional, que ainda se mostra ineficaz para as mulheres negras do nosso país. Mas por que estamos trazendo a caça às bruxas para essa análise? Porque é uma ação sobre o corpo da mulher que resiste. E não é de hoje, mas ainda persiste no neocolonialismo, possui raízes eurocêntricas.

Silvia Federici faz uma pesquisa em julgamentos e veredictos jurídicos registrados sobre as condenações, em momentos históricos em sincronia com os julgamentos e, com isso, desvela uma visão que ainda persiste na atualidade desvendada por ela, de que a caça às bruxas é um pilar da acumulação capitalista. A mulher é uma guardiã do bem comum, da preservação da espécie, e, por conseguinte, a privatização da Terra estabelece um conflito com a privatização de seu próprio corpo, que resiste.

“A pobreza, no entanto, não era a causa imediata das acusações de bruxaria”. Dois outros fatores contribuíram para a reprodução de uma bruxa. Primeiro, as bruxas não eram apenas vítimas. Eram mulheres que resistiam à própria pauperização

16 SILVA, C. R. O Sabá do Sertão: Feiticeiras, Demônios e Jesuítas no Piauí Colonial (1750-58). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, RJ, 2013. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1681.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

e exclusão social. Ameaçavam, lançavam olhares reprovadores e amaldiçoavam quem se recusasse a ajudá-las; algumas se tornavam inconvenientes, aparecendo de repente, e sem serem convidadas, na soleira de vizinhas e vizinhos que viviam em melhor situação, ou realizando tentativas inadequadas de se tornarem aceitas ao oferecer presentinhos para as crianças (como no conto João e Maria). As pessoas que as processavam acusavam-nas de ser encrenqueiras, de ter a língua ferina, de armar confusão entre a vizinhança – acusações que historiadoras e historiadores muitas vezes acataram. Podemos, porém, questionar se, por trás das ameaças e das palavras maldosas, não deveríamos captar um ressentimento nascido da raiva pela injustiça sofrida, uma forma de rejeitar a marginalização. [...] a política institucional cada vez mais misógina que confinava as mulheres a uma posição social de subordinação em relação aos homens e que punia com severidade, como subversão da ordem social, qualquer afirmação de independência de sua parte e qualquer transgressão sexual. A bruxa era uma mulher de “má reputação”, que na juventude apresentara comportamento “libertino”, “promíscuo”. (Federici, 2019, p. 52-53).

Ainda hoje, filmes como “João e Maria – caçadores de bruxas”, ou “O Último Caçador de Bruxas”, dias comemorativos como *halloween* que distribuem doces ou malvadezas, são agenciamentos midiáticos. As mulheres lutadoras contra a pauperização, a iniquidade crescente, estigmatizadas como bruxas são uma mostra da luta delas às custas da violência das privatizações e as punições sobre seus corpos. Mas ainda assim persiste infinitamente o devir-mulher e os afetos moleculares das mulheres no devir-mundo, em uma transformação molar feminina diferenciada, de solidariedade e acolhimento.

Ora, Devir-mulher não é imitar essa entidade (mulher molar), nem mesmo transformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação ou de momentos de imitação, em alguns homossexuais masculinos e menos ainda a prodigiosa tentativa de transformação real em alguns travestis. Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis – do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma micro feminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. Não queremos dizer que tal criação seja o tal apanágio do homem, mas, ao contrário, que a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que a mulher como entidade molar tem que devir-mulher, para que homem também devesse mulher ou possa devir. (Deleuze, Guattari, 2012, p.71).

O devir mulher afeta a todos no mundo, a relação de proximidades, de devir-mulher no homem, no devir-mulher no mundo. A história das mulheres no mundo capitalista é uma história de resignação, resiliência e transformações. O corpo da mulher, tal qual o corpo da Terra, sofre a inscrição violenta do capitalismo patriarcal.

É certamente indispensável que as mulheres levem a cabo uma política molar, em função de uma conquista que elas operam de seu próprio organismo, de... sua própria história, de sua própria subjetividade: “Nós, enquanto mulheres...” aparece então como sujeito de enunciação. Mas é perigoso rebater-se sobre tal sujeito, que não funciona sem secar uma fonte ou parar um fluxo. O canto da vida é frequentemente entoado pelas mulheres mais secas, animadas de ressentimento, de vontade de potência e de maternagem fria. Como uma criança que secou consegue fazer-se de criança melhor ainda porque não emana mais dela qualquer fluxo de infância. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 71).

A mulher é uma minoria no patriarcalismo, porém é uma máquina de guerra, desde o princípio a história é de uma perspectiva que não inclui a luta das mulheres. Silvia Federici emana partículas dessa história, sua obra fundamenta o rompimento com a “mulher molar”, o acolhimento, o diálogo, o “Amor Mundi” de Hannah Arendt (2014 *apud* Maia, Reinaldo, 2019), a luta contra a banalidade do mal no pensamento de uma filósofa contemporânea nos faz pensar diferente da irracionalidade capitalista que submete a todas e todos ao plano molar, presos na Gaiola Sistêmica do capitalismo neoliberal¹⁷.

5 Devir mulher - latitude - longitude, longitudes coletivas - devir mundo

Na atual duração da Terra, com sua longitude atual estimada de 4,54 bilhões de anos, como a ciência nos proporciona a pensar: essa duração exclusiva da Terra no sistema solar nos propicia a vida na natureza naturada (nesse estado da natureza com as espécies conhecidas e desconhecidas). Nos relacionamos na natureza, afetamos e somos afetados por ela, por outros corpos, pelo ambiente, pelas intervenções humanas planetárias, pelos animais, pelas plantas que comemos e percebemos a existência espetacular do planeta azul. Diante da nossa imanência é preciso que percebamos o devir-mulher-homem. A Terra Mãe e não Pátria, a terra acolhedora com seu clima, sua produção de alimentos, preservada em seu corpo, que garante os recursos necessários à vida, naturalmente, sem a violência da acumulação capitalista, sem a violência privada sobre o corpo das mulheres. “Saber amar não é permanecer homem ou mulher, é extrair de seu sexo as partículas, as velocidades e lentidões dos fluxos, os “n” sexos que constituem a moça dessa sexualidade.” (Deleuze, Guattari, 2012, p. 73).

Lutar com a concepção de identidade de gênero não fortalece uma luta de todas as minorias que estão no plano molar patriarcal capitalista. Indignados com os rumos das forças armadas nucleares, as violências sociais, contra todos e todas, a competitividade irracional mergulhada na iniquidade mundial requer devires-mundo diferentes, requer devires-mulheres em todos os sentidos. A mulher em sua longitude ainda é vítima de violência doméstica, a tradição da família privada ainda é predominante. No Brasil, feminicídios, homofobia, misoginia, associados com homofobia, racismo, isolamento e pauperização de mulheres e homens negros configuram lutas molares de extremas dificuldades, uma história de mortes, porém inseridas em latitudes diversas que se movem lentamente para outro mundo, devir-mulher afeta devir-mundo.

Ora, se todos os devires já são moleculares, inclusive o devir-mulher, é preciso dizer também que todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires. Que o homem de guerra se disfarce de mulher, que ele fuja disfarçado de donzela, que ele se esconda como donzela, não é um incidente provisório vergonhoso em sua carreira. Esconder-se, camuflar-se, é uma função guerreira; e a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que a atravessa; é no infinito de uma linha de fuga que surge o guerreiro. Mas se a feminilidade do homem de guerra não é acidental, nem por isso se pensará que ela seja estrutural, ou regulada por uma correspondência de relações. Não dá para vislumbrar como a correspondência entre as duas relações “homem-guerra” e “mulher-casamento” poderia acarretar uma equivalência do guerreiro com a donzela enquanto mulher que se recusa a casar. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 74).

17 CANGIANO, A. S. B. A construção da subjetividade no neoliberalismo: Deleuze e Guattari. 1ª ed., v. 1. Santo Ângelo: Metrics, 2022.

O devir-mulher é processo constante na imanência, afeta os diferentes devires pela presença da mulher em seus papéis sociais, em seus rostos e emanações das partículas de suas vibrações em velocidades e lentidões que afetam a todos. O plano molar bipolar: homem em oposição à mulher, em campos heterossexuais, a união de opostos, organizados em forma de propriedade privada patriarcal, cristalizada na transcendência do direito privado não está livre do devir-mulher. No Brasil, o crime de homofobia está sendo votado na alta corte. A sexualidade se libertando e tornando fundamento jurídico contra crimes homofóbicos, o devir-mulher perpassa o movimento LGBTQI+, novos direitos em formação.

Tampouco dá para vislumbrar como a bissexualidade geral, ou mesmo a homossexualidade das sociedades militares, explicariam esse fenômeno que não é mais imitativo do que estrutural, mas que representa antes uma anomia essencial ao homem de guerra. É em termos de devir que é preciso compreender o fenômeno. Vimos como o homem de guerra, por seu furor e sua celeridade, era tomado em devires-animais irresistíveis. São esses devires que encontram sua condição no devir-mulher do guerreiro, ou em sua aliança com a donzela, em seu contágio com ela. O homem de guerra não é separável das Amazonas. A união da donzela e do homem de guerra não produz animais, mas produz ao mesmo tempo o devir-mulher de um e o devir-animal do outro, num só e mesmo “bloco”, onde o guerreiro devém animal por sua vez por contágio da donzela, ao mesmo tempo que a donzela devém guerreira por contágio do animal. Tudo se reúne num bloco de devir assimétrico, um zigue-zague instantâneo. É na sobrevivência de uma dupla máquina de guerra, a dos Gregos que irá em breve fazer-se suplantar pelo Estado, e a das Amazonas que irá em breve dissolver-se, é numa série de atordoamentos, vertigens e esvaecimentos moleculares que Aquiles e Penteseleia se escolhem, o último homem de guerra, a última rainha das donzelas, Aquiles do devir-mulher e Penteseleia do devir-cadela. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 74-75).

Deleuze e Guattari buscam a relação de Aquiles e a amazona Penteseleia, inimigos mortais, que no campo de batalha trocam partículas, vibrações, devires que os unem em um amor inexplicável no plano molar. Rupturas no plano molar causados por devir-mulher, Penteseleia nega, no momento, a ética das amazonas, proibidas de se apaixonarem pelos homens, o limite de usá-los para a reprodução das mulheres guerreiras, Aquiles o guerreiro contra as amazonas em um embate de vida e morte.

O devir-mundo feminino deve rumar para a maioria com os afetos do devir-mulher, a derrota do patriarcalismo capitalista será pelo amor, pelo acolhimento, com diálogo, respeito pelas diferenças, vibrações emitidas pelo devir-mulher. A linha abstrata de cada um de nós impregnada do devir-mulher, a resistência à privatização do corpo, da Terra, evitar as mudanças climáticas, ter outra relação com a natureza, com a mãe Terra, a Mãria de todos, fauna, flora e humanos. O devir-mundo-mulher está em pauta, ou melhor, que o movimento molecular gere transformações molares, mudanças da matriz energética na acumulação e exploração capitalistas ou perderemos hoje a maior e mais feminina, presente em nossas vidas: A Terra Mãria.

O Cosmo como máquina abstrata e cada mundo como agenciamento concreto que o efetua. Reduzir-se a uma ou várias linhas abstratas, que vão continuar e conjugar-se com outras, para produzir imediatamente, diretamente, um mundo, no qual é o mundo que entra em devir e nós devimos todo mundo. [...] o momento não é o instantâneo, é a heciedade, na qual nos insinuamos, e que se insinua em outras heciedades por transparência. Estar na hora do mundo. Eis

a ligação entre imperceptível, indiscernível; impessoal, as três virtudes. (Deleuze, Guattari, 2012, p. 77).

O mundo patriarcal se mostra ineficaz para a vida. O plano molar que submete todos na gaiola sistêmica que estamos presos não teve destaque, registros efetivos dos devires-mulheres.

A história omissa das violências contra as mulheres não tem a importância de estar transparente e central para a sociedade, ao contrário, a perspectiva molar sempre foi do homem branco, heterossexual, proprietário. Toda a luta das mulheres, independente de categorias como o feminismo, o lesbianismo ou neocolonialismo sobre as mulheres negras não deixam de existir e a todo momento o devir-mulher afeta o devir-mundo em uma outra perspectiva. Tanto o corpo da mulher como o corpo da Terra sofrem com a violência e a morte. No entanto, a resiliência e a resistência molecular mostram que o mundo devém feminino.

Considerações finais

O mundo tem diversas representações, porém, a representação pela perspectiva da mulher ainda não está escrita em sua profundidade, em outra percepção que não a molar. A representação do aquecimento planetário está impregnada de representações, de opiniões diversas, de expressões científicas, alguns pensam que o *El niño* é um fenômeno natural, rotineiro, outros pensam que é normal a Terra ter ciclos climáticos: era glacial, era do dilúvio, efeitos de queda de meteoritos, efeito estufa. Todavia, as vibrações moleculares acontecem em devires-mundo.

Imaginamos representações molares do mundo, mas o mundo molecular acusa velocidades e lentidões das partículas e acontecem tempestades, calor intenso nos invernos, furacões, ciclones, terremotos, frio intenso tropical, ou seja, devires-mundo no plano molecular. O corpo molecular da mulher também demonstra as velocidades e lentidões das partículas: resiliência contra o feminicídio, violência doméstica, escravização de seu corpo, a tomada de seu corpo pelo patriarcalismo. No plano molar a mulher dócil, “do lar”, “doméstica”, recatada, monogâmica, casada, assexual, de família, em contraposição à bruxa, resignada, em luta, resiliente, acima das violências da sociedade capitalista, em oposição à sua potência de resistir, de devir-mulher no mundo.

Partimos de conceitos da obra “Mil Platôs – vol. 4”, (Deleuze, Guattari, 2012) para conceituar “DEVIR” e utilizamos as palavras-conceitos de D&G para analisar o devir-mulher e devir-mundo contra a representação molar corrente.

A potência molecular de inovação, de transformação do mundo em movimentos e repousos, em velocidades e lentidões das vibrações no plano molecular. E como essas partículas afetam não os corpos organizados no plano duro dos desejos, mas sim os planos moleculares e provocam acontecimentos inovadores no direito, na política, na economia, na sociedade. Essa potência rompe com o molar, inova as percepções e movimenta hecidades em um processo de devir-mulher, devir-mundo, com novas subjetividades.

Mostramos como o corpo da menina é roubado em processos de neurotizações e serve de modelo para a neurotização capitalista em processos de subjugar e escravizar as mulheres em oposição ao movimento molar que punia as bruxas, mulheres que lutaram por sua liberdade e injustiças ligadas à iniquidade capitalista, com a privatização de seus corpos e da Terra Mãe.

Encontramos resistência molecular e luta no plano molar, apesar da violência imperante.

Estamos presos em uma gaiola sistêmica, molar, patriarcalista, a qual violenta a Terra, violenta o corpo da mulher, aciona a família privada para a neurotização da espécie para suprir a força de trabalho capitalista. O neoliberalismo retira direitos das mulheres retirando programas sociais de atendimento à parturiente, reduz o Estado desamparando as mulheres em seus direitos.

A democracia é o caminho para que acontecimentos sejam percebidos no plano molar produzidos por um mundo diferente, o mundo do devir-mulher e devir-mundo. Esse novo mundo, longe da “banalidade do mal” e sim perto do “Amor Mundi” pensado por Hannah Arendt (2014 *apud* Maia, Reinaldo, 2019).

Por fim, apesar de constituirmos linhas abstratas de singularidades, estamos todos e todas, entes humanos, animais, fauna e flora em um mundo molecular coletivo, caosmático, que se manifesta com as forças naturais, fundamentalmente com a força em potência do devir-mulher que tem se mostrado como pilar de resistência ao longo da história das bruxas e das mulheres de lutas. O processo de devir-mulher-mundo é imperceptível enquanto processo molecular na mulher, na Terra e em tudo. Estamos na era em que os cataclismos da natureza mostram os movimentos moleculares em tragédias. A tragédia capitalista no corpo das mulheres processa movimentos moleculares no devir-mundo, a transparência desses efeitos torna os devires imperceptíveis, percebidos em tudo. Mesmo que neguemos enxergar os devires, sem dúvida alguma estão em processos rizomáticos e produzem inovações pela descodificação molar, em novas percepções de vida imanente e acontecimentos moventes no plano molar fundamentando o devir-mulher-mundo.

Referências

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução Maria Adriana Camargo Capello. São Paulo: Edipro, 2020.

CANGIANO, A. S. B. **A construção da subjetividade no neoliberalismo**: Deleuze e Guattari. 1ª ed., v. 1. Santo Ângelo: Metrics, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** – vol. 4. Capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Que é Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FEDERICI, S. **Calibá e a bruxa**: Mulheres corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**. Da idade média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed., v. 1. São Paulo: Boitempo, 2019.

GUATTARI, F. **CAOSMOSE**. Um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e

Lúcia Cláudia Leão. 2. ed., v. 1. São Paulo: Editora 34, 2019.

MAIA; A. G. B.; REINALDO, F. J. O. Amor Mundi: Uma resposta radical a uma desesperança política radical. **Problemata: R. Intern. Fil.** v. 10, n. 3, p. 59-72, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49132/28693>. Acesso em: 5 set. 2023.

Oxford Languages and Google, 2023. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 9 out. 2023.

SILVA, C. R. **O Sabá do Sertão**: Feiticeiras, Demônios e Jesuítas no Piauí Colonial (1750-58). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, RJ, 2013. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1681.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.